

Religião, cultura e gênero: reflexão sobre a figura feminina nos textos veterotestamentários

*Religion, culture and gender: reflection on the female figure
in the Old Testament texts*

Elon Saúde Caires¹

Paulo Jonas dos Santos Júnior²

Resumo. Os textos bíblicos veterotestamentários³ narram diversas histórias que se não analisados de maneira precisa e sob o correto contexto

Artigo recebido em: 08 fev. 2017

Aprovado em: 21 dez. 2017

¹Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade UNIDA de Vitória, com pesquisa voltada para o fenômeno religioso na saúde humana. Especialista em Enfermagem em Terapia Intensiva e Docência do Ensino Superior pela FANAN. Especialista em Enfermagem do Trabalho pela DOCTUM. Bacharel em Enfermagem pela UNEC. Graduado em Teologia pelo IBTCD. Cursando licenciatura em Ciências Biológicas pela FIAR. E-mail: elonsaudecaires@hotmail.com

² Doutorando em Planejamento Regional e Gestão da Cidade pela Universidade Cândido Mendes (UCAM), Rio de Janeiro, onde pesquisa o pentecostalismo em favelas e territórios dominados por tráfico de drogas e violência urbana. Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória, Espírito Santo. Especialista em História e Cultura do Brasil pela UNESA, Rio de Janeiro. Licenciado em História pelo ISEED, Virginópolis, Minas Gerais. Bacharel em Teologia pela FAECAD, Rio de Janeiro. Psicanalista Clínico, FATEB, Rio de Janeiro. Membro da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). Contato: paulojsjunior@hotmail.com.

³ Esta palavra refere-se ao Antigo Testamento da Bíblia.

histórico, podem exprimir uma mensagem que não confere. De fato o Antigo Testamento é rico em detalhes e fatos que merecem uma atenção em sua análise⁴. Através de um levantamento bibliográfico especializado, este ensaio buscou refletir sobre o papel da mulher na sociedade judaica durante o período do Antigo Testamento.

Palavras-Chave: Mulher. Antigo Testamento. Bíblia. Sociedade. Religião.

Abstract. The Old Testament biblical texts narrate several stories that if not analyzed in the correct way and under the correct historical context, can express a message that does not confer. In fact the Old Testament is rich in details and facts that deserve attention in its analysis⁵. Through a specialized bibliographical survey, this essay sought to reflect on the role of women in Jewish society during the Old Testament period.

Keywords: Woman. Old Testament. Bible. Society. Religion.

Introdução

Os textos bíblicos veterotestamentários narram diversas histórias que se não analisados de maneira precisa e sob o correto contexto histórico, podem exprimir uma mensagem que não confere. De fato o Antigo Testamento é rico em detalhes e fatos que merecem uma atenção em sua análise⁶.

O presente ensaio objetivou analisar a figura da mulher na sociedade judaica no período do Antigo Testamento. Como se trata de duas temáticas de difícil compreensão, o lugar da mulher em uma sociedade antiga e textos do Antigo Testamento, este artigo trabalhou com uma metodologia de levantamento bibliográfico especializado, principalmente a partir de publicações de revistas de estudos científicos⁷.

1. A mulher na cultura judaica: o contexto do Antigo Testamento

⁴ KOCHMANN, Sandra. *O Lugar da Mulher no Judaísmo*. São Paulo: Revista de Estudos Da Religião, v. 1, n. 2, 2005, p. 4.

⁵ KOCHMANN, 2005, p. 4.

⁶ KOCHMANN, 2005, p. 4.

⁷ FONTELLES, Mauro José et al. *Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa*. São Paulo: Ciências da Saúde, v. 1, n. 1, 2009, p. 6.

O Antigo Testamento narra, dentre outras histórias, o início do povo Judeu. Ao ler esses textos sagrados é possível verificar princípios que estabeleceram o modo e a forma de vida dos descendentes de Abraão. Os quais, segundo a crença desse próprio povo foram dados pelo próprio Deus⁸.

As práticas e costumes judaicos que mais geraram e, ainda, continuam a gerar discussão são as que dizem respeito ao tratamento para com a mulher. Textos do Antigo testamento relatam uma forma de tratamento ao sexo feminino, que para ser analisados com precisão torna-se importante resguardar o lugar, o tempo histórico e suas influências. Kochmann comenta:

O lugar da mulher no Judaísmo variou segundo o contexto histórico, social, político e religioso. Ele se expressa em todos os campos da vida cotidiana, desde as diferentes rezas da liturgia até a divisão das tarefas no âmbito público e particular, passando pela liberação da obrigação do cumprimento de alguns preceitos, o que determina - segundo a tradição estabelecida por homens -, as prioridades a que as mulheres deveriam dedicar o seu tempo⁹.

Dessa maneira, a Rabina nos leva à reflexão de que a mulher no princípio da tradição Judaica exercia um importante papel no lar e na sociedade a qual viviam. As esposas dos antigos patriarcas, como por exemplo: Sara esposa de Abraão, Rebeca esposa de Isaque e Raquel esposa de Jacó aparecem como personagens de importância em suas épocas, e determinante para o futuro de suas famílias¹⁰. O autor Kochmann sobre isso diz:

O lugar da mulher dentro do Judaísmo deve ser analisado à luz do contexto histórico em que se desenvolveu. Na época bíblica, as mulheres dos

⁸ SANTOS JÚNIOR, Paulo Jonas dos; ROSA, André Luis da. *Experiência religiosa: da Reforma Protestante ao avivamento pentecostal*. Florianópolis: Encontros Teológicos, v. 31, n. 2, 2016, p. 8.

⁹ KOCHMANN, 2005, p. 35.

¹⁰ KOCHMANN, 2005, p. 35.

Patriarcas eram as Matriarcas, mulheres ouvidas, respeitadas e admiradas. Havia mulheres profetisas e juízas. As mulheres estavam presentes no Monte Sinai no momento em que Deus firmou o Seu Pacto com o povo de Israel. Participavam ativamente das celebrações religiosas e sociais, dos atos políticos. Atuavam no plano econômico. Tinham voz, tanto no campo privado como no público¹¹.

É interessante o comentário acima, uma vez que torna mister questionar como o papel da mulher deixou o lugar de protagonista, de importância, matriarcal, e se tornou a de um personagem expectador de seu destino¹².

A resposta para esse questionamento é, segundo Kochmann, a influência herdada de outras civilizações, como por exemplo, a cultura grega que exerceu forte intervenção intelectual e cultural nas demais sociedades de sua época. Sobre a interferência dos gregos na sociedade judaica¹³, essa autora afirma:

Com o decorrer do tempo e por força das influências estrangeiras, especialmente a grega, foram excluídas de toda atividade pública e passaram a ficar relegadas ao lar. Essa situação das práticas cotidianas daquela época foi expressa nas leis judaicas então estabelecidas e permanece a mesma até hoje¹⁴.

A tradição Judaica, adotada até hoje e seguida pelo judaísmo ortodoxo e tradicional, profere diversas orações e práticas que exaltam a Deus. Durante uma dessas orações, a oração matinal, o homem expressa a seguinte frase: "Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo que não me fizeste mulher", e a mulher por sua vez proclama a seguinte oração: "Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que me fizeste segundo Tua vontade". Essas bênçãos

¹¹ KOCHMANN, 2005, p. 35.

¹² KOCHMANN, 2005, p. 36.

¹³ KOCHMANN, 2005, p. 36.

¹⁴ KOCHMANN, 2005, p. 35.

fazem parte da tradição judaica e devem ser proferidas todas as manhãs assim que a pessoa acordar¹⁵.

Entretanto, o Rabino ao analisar o modelo da oração proferida pela manhã, a oração matinal, comenta que a influência grega determinou uma forte discriminação contra a figura feminina. Segundo esse autor, a oração descrita na tradição judaica é uma releitura de um dito popular grego citado inclusive por Platão e Sócrates¹⁶.

No Talmud de Babilônia - Tratado 'Menachot' 43 B está escrito: O Rabi Meir disse: O homem deve recitar três bênçãos cada dia, e elas são: Que me fizeste (do povo de) Israel; que não me fizeste mulher; que não me fizeste ignorante Segundo o rabino contemporâneo Joel H. Kahan, essa bênção se originou do dito helênico popular, citado por Platão e Sócrates, que diz: Há três bênçãos para agradecer o destino: A primeira - que nasci ser humano e não animal; A segunda - que nasci homem e não mulher; A terceira - que nasci grego e não bárbaro¹⁷.

As palavras proferidas durante a oração matinal judaica é de grande importância para nossa análise, uma vez que expõe claramente que o lugar da mulher é de menor apreço nessa sociedade. Kochmann corrobora o comentário de Kahan sobre a oração matinal e diz:

Mesmo que a ordem não seja exatamente a mesma - e os gregos agradeciam ao destino e os judeus, a Deus -, a semelhança é flagrante: o agradecimento grego pelo fato de "ser humano" tem seu paralelo judaico em "não ser ignorante"; "não ser bárbaro" era para os gregos tão importante quanto para os judeus agradecer por ser parte do povo de Israel; e "ser homem e não mulher" era central em ambas as culturas, onde a mulher ocupava um lugar secundário, especialmente na vida pública¹⁸.

¹⁵ KAHAN, Joel H. Baruch. *She asani isha: Birkat hashachar shel nashim*. In: ARIEL, David Ioel; LEBOVICH, Maia; MAZOR, Ioram (Orgs.) Baruch she asani isha. Tel Aviv: Ed. Yedioth Ahronot, 1999. p. 122.

¹⁶ KAHAN, 1999, p. 36.

¹⁷ KAHAN, 1999, p. 124.

¹⁸ KOCHMANN, 2005, p. 36.

Assim podemos perceber que apesar da mulher exercer uma forte influência na sociedade judaica patriarcal, seu papel no período Talmúdico sofreu um grande rebaixamento quanto a sua importância¹⁹.

Apesar de, na época bíblica, a mulher participar ativamente de todas as manifestações da vida social, política, econômica e religiosa, ela desaparece do cenário público no período talmúdico (século III a século VI da Era Comum). Essa concepção do lugar da mulher na sociedade judaica na época do Talmud - época na qual foram estabelecidas as regras do dia-a-dia judaico, baseadas na interpretação e análise dos textos bíblicos pelos rabinos (exclusivamente homens) -, recebe influência direta da antiga sociedade grega em que estava inserida. Nela, a mulher praticamente não tinha vida social, já que estava afastada dos lugares e acontecimentos públicos, entre eles, os religiosos²⁰.

Dessa maneira, quando a lei judaica foi transcrita da tradição oral para a tradição escrita, a figura feminina ficou de fora de quaisquer serviços públicos ou religiosos, e teve sua figura ligada, apenas, aos serviços domésticos²¹.

2. A figura feminina e sua participação no culto veterotestamentário

A religião judaica é composta por diversas práticas ritualísticas e princípios invioláveis, os quais foram elaborados a partir de conclusões de sábios e mestres da lei²². Assim, como analisado acima, a lei judaica assimilou diversas tradições que asseguravam que o lugar da mulher era secundário em relação ao do homem; dessa maneira, essas tradições refletiram diretamente na liturgia do culto judaico.

¹⁹ KOCHMANN, 2005, p. 38.

²⁰ KOCHMANN, 2005, p. 37.

²¹ KOCHMANN, 2005, p. 38.

²² DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos: Da época da divisão do reino até Alexandre Magno*. São Leopoldo: Sinodal, 4. ed., 2006, p. 39.

Os Sábios do Talmud interpretaram o versículo "Toda a glória da filha do rei na sua casa" (Salmo 45:14), ensinando que a honra de uma mulher exige que ela fique na sua casa, cumprindo sua função essencial de ter filhos e de facilitar ao seu marido o cumprimento dos preceitos. Seguindo essa lógica, as mulheres eram definidas pelo aspecto biológico, como mães procriadoras; do ponto de vista sociológico, eram dependentes, primeiro do pai e depois do marido; e, sob o prisma psicológico, eram incapazes de dedicar-se a temas tidos sérios ou importantes, exclusivos dos homens. Portanto, a presença de uma mulher num lugar público - na rua, no mercado, nos Tribunais, nas casas de estudo, nos eventos públicos ou nos cultos religiosos -, era considerada uma ofensa à sua dignidade de mulher²³.

Sobre o assunto, Kochmann, ainda comenta:

A priorização das tarefas femininas voltadas para o lar - tomar conta da casa, das crianças e do marido - terá como consequência direta a limitação da função religiosa; portanto, a mulher fica liberada da obrigação do cumprimento de determinados preceitos judaicos que têm um momento específico para serem cumpridos²⁴.

As práticas religiosas no judaísmo, ao assimilarem costumes da sociedade judaica da época, impunham ao sexo masculino a incumbência de cumprir a vontade de Deus, uma vez que para aquela cultura, realizar os desígnios divinos era encarado como uma honra e um grande privilégio.

Em uma tradição onde a obrigação de cumprir os preceitos divinos é considerada uma grande honra, prova da escolha e do amor divinos, a isenção da mulher de certas obrigações se cobre de outros significados. Determinar o que fazer com o tempo é símbolo de liberdade que o homem pode usar conforme seu entendimento. O homem é livre para escolher dedicar seu tempo a Deus, a mulher não é livre de fazê-lo (na

²³ KOCHMANN, 2005, p. 37.

²⁴ KOCHMANN, 2005, p. 38.

prática, mulheres e escravos têm as mesmas obrigações e cumprem os mesmos preceitos)²⁵.

Ora, assim a interpretação da lei deixa transparecer que a mulher é propriedade do homem, cabendo, assim, a ele determinar sobre a vida dela. A Rabina Kochmann, ainda comenta:

Dentro desse conceito, a decisão de liberar as mulheres do cumprimento dos preceitos de hora marcada é uma demonstração da grandiosidade do mesmo Deus que cede aos homens o seu privilégio de ser o dono do tempo das mulheres. Elas ficam liberadas de cumprir os preceitos divinos, mas permanecem subordinadas - em tempo e ações - ao marido, o lar, as crianças. Elas são donas da casa, eles são donos delas. De fato, até em hebraico a palavra "marido" é baal, que significa "dono, patrão, proprietário e donos do mundo."²⁶

Nessa perspectiva de a mulher como propriedade do marido, o serviço sacerdotal não poderia ser exercido por ela, o que caracterizaria uma humilhação para o marido ser ensinado por aquela que deveria apenas o servir. Porém, alguns pesquisadores como Kochmann argumentam que não há uma proibição em a mulher servir nos trabalhos litúrgicos, há apenas uma liberação da obrigatoriedade, ou seja, esse é eletivo para as mulheres. O autor Talmude diz:

Ensinaram nossos Rabinos: Todos podem fazer parte da contagem dos sete (que são chamados para ler a Torá no Shabat), até um menor de idade e até uma mulher. Mas disseram os Sábios: Uma mulher não vai ler a Torá por respeito ao público²⁷.

Com base nesse texto surgem argumentos em favor de a mulher servir nos trabalhos religiosos. Nessa perspectiva, há aqueles que defendem que mesmo isenta de cumprir as obrigações e os preceitos da lei, a mulher pode, se assim desejar, escolher em fazê-lo. Kochmann, sobre o texto do Tratado Meguilá 23a, comenta:

²⁵ KOCHMANN, 2005, p. 38.

²⁶ KOCHMANN, 2005, p. 38.

²⁷ KOCHMANN, 2005, p. 38.

O respeito ao público, argumento muitas vezes substituído pela expressão "a honra da congregação", adquire, no contexto daquela época, o seguinte significado: Ler a Torá no marco do serviço religioso requer conhecimento e estudo especiais, pois além de ser em hebraico, a leitura é feita com uma entonação específica que exige uma preparação prévia. Antigamente, a pessoa que ia ser convidada para ler a Torá em público durante o serviço religioso do Shabat, era avisada com antecedência para ter a possibilidade de preparar a leitura. Como em geral quem tinha acesso ao estudo, facilidade e tempo para se preparar eram os homens, o convite a uma mulher seria interpretado como se naquela congregação não houvesse sete homens aptos a ler a Tora, o que seria uma vergonha para a mesma (isto é, para os homens). Assim, se a mulher já estava "liberada" de alguns preceitos, essa segunda razão - evitar a desonra da congregação - a impedia de cumprir aqueles preceitos que, mesmo sem ser obrigada, ela poderia - se assim o desejasse - escolher cumprir²⁸.

Conclusão

O presente ensaio buscou realizar uma reflexão sobre a figura da mulher na cultura judaica sob a perspectiva dos textos veterotestamentário. Após um levantamento bibliográfico especificado, foi possível perceber que a figura feminina, em princípio, possuía um papel honroso frente à sociedade, equiparado ao papel ocupado pelo sexo masculino, porém, com o passar do tempo e estabelecimento da Lei judaica, a mulher passa a ocupar um posto social inferior ao do homem²⁹.

Como defendido por Kochmann a influência de outras culturas foi determinante para o estabelecimento e consolidação da Lei judaica. Dentre as culturas que mais exerceram influência destaca-se os helênicos, importante sociedade na época.

²⁸ KOCHMANN, 2005, p. 39.

²⁹ KOCHMANN, 2005, p. 38.

Por fim, foi possível verificar que os textos sagrados da Torá e do Talmude são, em diversos casos, interpretados de maneira radical, à margem do contexto histórico, o que prejudica uma participação mais efetiva das mulheres na sociedade e nos serviços religiosos³⁰.

Referências

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos: Da época da divisão do reino até Alexandre Magno*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2006. Disponível em:

FONTELLAS, Mauro José et al. *Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa*. São Paulo: *Ciências da Saúde*, v. 1, n. 1, p.1-8, ago. 2009.

KAHAN, Joel H. *Baruch She asani isha: Birkat hashachar shel nashim*. In: ARIEL, David Iael; LEIBOVICH, Maia; MAZOR, Ioram (Orgs.) *Baruch she asani isha*. Tel Aviv: Ed. Yedioth Ahronot, 1999. p. 121-128.

KOCHMANN, Sandra. *O Lugar da Mulher no Judaísmo. Rever: Revista de Estudos Da Religião*, São Paulo, v. 1, n. 2, p.35-45, dez. 2005. Semestral. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34152206/p_kochmann.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1484667427&Signature=V5uxtNfw8IvT9dI4bh5/yM4xks=&response-content-disposition=inline;filename=Revista_de_Estudos_da_Religio_O_Lugar_d.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2017.

SANTOS JÚNIOR, Paulo Jonas dos; ROSA, André Luisda. *Experiência religiosa: da Reforma Protestante ao avivamento pentecostal. Encontros Teológicos: Reforma ontem e hoje*, Florianópolis, v. 31, n. 2, p.235-252, ago. 2016. Disponível em: <facasc.edu.br>. Acesso em: 05 dez. 2016.

³⁰ KOCHMANN, 2005, p. 40.